

Desonerada pela história: entendendo a influência crescente da Rússia no Haiti

CHRISTOPHER DAVIS, PH.D.

No decorrer dos últimos anos, a República do Haiti tem aparecido com frequência crescente nos jornais e, infelizmente para o povo do Haiti, por motivos que não são positivos. Desastres naturais, doenças e instabilidade política são os motivos pelos quais o Haiti tem aparecido nas páginas dos noticiários estadunidenses, e todos esses três fatores têm sido um tema recorrente nos últimos dois anos. A esperança de uma estabilidade maior no Haiti com o fim da pandemia global foi frustrada quando, em 7 de julho de 2021, a controvérsia política já existente associada à presidência de Jovenel Moïse culminou em seu assassinato. Desde então, o Haiti sofreu mais um terremoto, furacões e um agravamento da crise política, durante a qual a autoridade política haitiana foi usurpada por uma quantidade crescente de gangues de rua, que passaram a exercer um controle maior sobre a capital que o próprio governo do país. Embora as imagens de haitianos protestando contra a falta de combustível, alimentos e outros artigos essenciais sejam comuns hoje em dia, um novo ícone começou a aparecer nessas manifestações nos últimos meses que merece atenção especial. O aparecimento e a ostentação de bandeiras russas pelos manifestantes haitianos aumentaram nos meses recentes, incitando pelo menos uma matéria publicada no jornal haitiano *AyiboPost*, em 18 de outubro de 2022, a explorar o porquê. O breve exame dos motivos por trás dessa nova tendência chegou à conclusão de que a Rússia representa para os haitianos um tipo de película de proteção contra as forças percebidas como imperialistas dos Estados Unidos e das Nações Unidas.¹ No entanto, essa conclusão não explica de forma aprofundada por que os manifestantes haitianos têm essa percepção nem o que fez com que ela surgisse recentemente como parte da narrativa dos manifestantes. Este artigo visa apresentar uma análise abrangente de como o sentimento pró-Rússia foi integrado aos protestos haitianos, respondendo às seguintes perguntas: como a ideologia dos protestos haitianos mudou para um sentimento anti-EUA/ONU? Como esse sentimento ideológico mudou a favor da Rússia? Como Moscou cultivou esses sentimentos? E o que isso significa para os EUA? As respostas a essas perguntas podem ser encontradas na

história compartilhada entre os EUA e o Haiti, e em como a Rússia conseguiu se aproveitar do peso dessa história em benefício próprio.

Na matéria do *AyiboPost* supramencionada, o autor, Boaz Anglade, afirma que já existia no Haiti uma tendência pró-Rússia subjacente antes das crises atuais, mas que os eventos recentes serviram para disseminar esse sentimento como nunca antes. Anglade alega que sempre houve um segmento marginal da sociedade haitiana que idolatrava líderes e nações vistos como oponentes do imperialismo dos EUA, mas que esse grupo se limitava anteriormente a autodenominados socialistas e universitários socialmente conscientes.² Isso mudou nos últimos meses, quando grupos maiores de manifestantes começaram a ir às ruas portando bandeiras russas, retratos do presidente russo, Vladimir Putin, e até cartazes solicitando auxílio militar da Rússia.³ Anglade, entretanto, conclui que o sentimento pró-Rússia crescente testemunhado entre as multidões de manifestantes haitianos se baseia mais em um sentimento antiocidental genérico que em uma simpatia específica com a Rússia. Duvidando que a maioria dos haitianos conheçam ou entendam a Rússia profundamente, muito menos que queiram verdadeiramente que tropas russas desembarquem em Porto Príncipe, Anglade acredita que o fenômeno tem mais a ver com o fato de a Rússia simbolizar um poder capaz de desafiar (e que, após a invasão da Ucrânia, de fato desafiou) a ordem mundial atual.⁴

A pergunta relevante a ser respondida é por que o fato de a Rússia desafiar a ordem internacional estabelecida encontra respaldo entre os haitianos. A matéria de Anglade é curta e, portanto, não muito aprofundada, declarando que os haitianos estão sendo impulsionados por uma frustração crescente com os EUA em decorrência de sua história de políticas comerciais desiguais, interferência política e intervenção militar no Haiti.⁵ A matéria não analisa esses fatores a fundo, mas, para entender como a influência da Rússia sobre o Haiti está crescendo e como isso afeta os EUA, faz-se necessário examinar a história das relações EUA-Haiti de forma muito mais detalhada. Embora a maioria dos estadunidenses provavelmente saibam muito pouco sobre o último século de relações entre os EUA e o Haiti, os haitianos tendem a ser muito mais conscientes dessa história, vista por eles como um longo passado de interferência e intervenção. Com base em suas ações e políticas recentes associadas ao Haiti, parece que Moscou também está ciente dessa história, aproveitando-se dela eficazmente em benefício próprio. Portanto, este artigo explorará uma parte da história das políticas estadunidenses relacionadas ao Haiti do início do século 20 até o presente; em seguida, demonstrará como o passado é utilizado por Moscou para obter uma influência maior sobre o Haiti em detrimento da exercida pelos EUA e pela ONU; por fim, chegará a conclusões sobre o que isso significa para os EUA na região do Caribe e da América Latina.

Relações EUA-Haiti, 1911 até o presente

Certamente se pode argumentar que a história das relações complicadas entre os EUA e o Haiti merece ser analisada a partir de antes de 1911, se o intuito for entender as origens da visão atual e crescente do Haiti em relação aos EUA. Porém, essa história na íntegra mereceria uma monografia completa para realmente fazer jus à sua vasta complexidade. Para os fins deste artigo, contudo, a escolha de 1911 como ponto inicial baseia-se no começo das ações diretas dos EUA relacionadas ao Haiti desde então, que parecem estar no cerne das queixas dos manifestantes haitianos. Esse período entra em contraste direto com a história das relações EUA-Haiti no século 19, caracterizada por um isolamento diplomático entre as nações após a independência do Haiti em 1804. O aspecto mais importante do início das relações EUA-Haiti que vale ressaltar, pois é pertinente a esta análise, é que o rompimento do Haiti com a França marcou o primeiro e único exemplo de uma nação formada por meio de uma revolta escrava. Essa conquista monumental é um dos alicerces da identidade nacional haitiana, simbolizando resistência contra o controle estrangeiro. O fato de isso ter ocorrido em um período durante o qual a instituição da escravidão baseada em raça ainda estava intacta nos EUA, bem como no Mundo Atlântico como um todo, foi o que colocou a nova nação em discordância com seus vizinhos, que temiam que algo semelhante pudesse ocorrer em seus países.⁶ No mundo externo, a independência do Haiti tornou-se um símbolo nos debates abolicionistas durante as décadas seguintes, enquanto, para os haitianos, seu isolamento gerou uma crença justificável de que eles estavam contra o mundo todo.

Após esse isolamento, 1911 marca o início de um período de quatro anos durante o qual a República do Haiti vivenciou um dos tumultos políticos mais expressivos de sua história. Entre 1911 e a ocupação do Haiti pelos EUA no início de julho de 1915, nada menos que sete presidentes haitianos foram destituídos ou assassinados durante seu mandato em decorrência de uma sucessão de revoluções.⁷ Após o governo Wilson ordenar a invasão e ocupação militar do Haiti em uma tentativa antecipada dos EUA de construir a nação, os EUA mantiveram controle direto do governo haitiano por 19 anos. Infelizmente, essas tentativas de estabilizar o Haiti por meio de controle direto pelos EUA estavam sujeitas a falhas na administração da ocupação, que não levou em consideração a memória histórica e a identidade nacional haitianas. Para um povo cuja identidade nacional está atrelada à derrocada da dominação colonial francesa e à derrota da força expedicionária enviada por Napoleão para restabelecer a escravidão, a invasão e a ocupação do Haiti pelos EUA pouco mais de um século depois acabaram engatilhando o medo dos haitianos de que a história estava se repetindo.

As falhas mais significativas cometidas pelos EUA, que fomentaram uma resistência e uma animosidade crescentes à presença do país no Haiti, ocorreram nas esferas política e administrativa, nos estágios iniciais da ocupação. O presidente Wilson, apesar de lembrado por promover uma ordem internacional baseada no liberalismo e na democracia, adotou uma abordagem muito diferente para restaurar a ordem no Haiti ocupado.⁸ Antes que o Tratado de 1915 entre os Estados Unidos e o Haiti Relativo às Finanças, Desenvolvimento Econômico e Tranquilidade do Haiti sequer fosse finalizado, o governo Wilson havia forçado a legislatura haitiana a eleger Phillippe Sudre Dartiguenave, que era a favor dos EUA, como presidente.⁹

Isso resultou na Primeira Revolta dos Cacos em 1915, uma resposta reacionária e previsível à ocupação dos EUA por insurgentes amplamente leais a Rosalvo Bobo, um político populista haitiano.¹⁰ Aproveitando-se da tradição revolucionária haitiana de aspirantes a líderes buscarem combatentes na região montanhosa ao norte (conhecida como Cacos), Bobo havia liderado o golpe que desencadeou a intervenção dos EUA, mas sua vitória lhe foi tomada pelos EUA com sua escolha de presidente.¹¹ Com poderio e treinamento militares inferiores, além do escasso apoio do público haitiano já exausto de conflitos, os Cacos foram rapidamente derrotados pelos fuzileiros navais estadunidenses.

Em 1917, o presidente Wilson, na esperança de abrir mais caminho para os interesses comerciais dos EUA, pressionou a legislatura haitiana no sentido de criar uma nova constituição que removesse a proibição da posse de propriedade privada por estrangeiros no Haiti. Como essa proibição era considerada uma medida de proteção tradicional contra o controle estrangeiro, a resposta da legislatura haitiana foi rejeitar a versão de Wilson e optar por uma ainda menos favorável aos interesses dos EUA, o que, por conseguinte, levou o presidente Dartiguenave, instruído pelos EUA, a dissolver a legislatura.¹² A remoção da oposição política haitiana ao governo estadunidense facilitou a realização de ações que favoreciam os interesses dos EUA. No entanto, essas ações agravaram as críticas de que os EUA estavam minando a soberania política do Haiti¹³ e prejudicaram consideravelmente a missão original declarada de Wilson e da ocupação de tentar levar ordem e democracia liberal ao Haiti. Com um presidente escolhido a dedo pelos EUA e a remoção total da legislatura, os haitianos entenderam que sua nação havia se tornado muito menos democrática e mais autoritária após menos de dois anos de dominação estadunidense.

Juntamente com a erosão da soberania haitiana, 1917 também marca outra falha ainda maior dos EUA, em termos de instigação da animosidade no Haiti, que desafiou a memória histórica e a identidade nacional dos haitianos. Na tentativa de agilizar o progresso dos projetos de infraestrutura estadunidenses, como a construção de rodovias ligando a capital, Ponto Príncipe, a outras cidades ao norte,

os EUA ressuscitaram uma lei haitiana extinta conhecida como a “Corvée”. Nos termos dessa lei, os governantes anteriores do Haiti podiam obrigar os haitianos a trabalharem involuntariamente em projetos de obras públicas. Embora essa lei tivesse precedentes na história haitiana, ela nunca havia sido popular, pois uma política de trabalho forçado e não remunerado se assemelhava demasiadamente à escravidão contra a qual os haitianos haviam lutado anteriormente.¹⁴ Apesar de essa lei ter sido aplicada pelos próprios líderes haitianos, em vez de por soldados franceses do além-mar, isso não ajudou a reduzir o ressentimento e a resistência à prática. No entanto, a erosão da soberania haitiana e a instituição da “Corvée” transformaram a opinião pública dos haitianos em relação à ocupação dos EUA de neutra, embora relutante, em hostil, à medida que os administradores estadunidenses foram adotando políticas que alimentavam os piores medos históricos dos haitianos relativos à tentativa de forças militares estrangeiras de dominá-los e escravizá-los novamente. Quando as forças estadunidenses reviveram essa prática em 1917, inadvertidamente engatilharam os medos dos haitianos de que uma força militar estrangeira havia chegado para escravizar novamente o povo haitiano, resultando na Segunda Revolta dos Cacos de 1918.¹⁵

Apesar da abolição da “Corvée” em 1918 e do fato de que a maioria dos abusos associados a ela são atribuídos mais aos *gendarmes* (polícia) haitianos que aos fuzileiros navais dos EUA encarregados da supervisão, os danos já haviam sido causados. Embora a Segunda Revolta dos Cacos também tenha sido reprimida pelos fuzileiros navais, o conflito durou mais que o primeiro e resultou no fim da parca boa vontade pública da qual os EUA desfrutavam desde sua chegada ao Haiti.

Embora a ocupação do Haiti pelos EUA tenha terminado em 1934, essa não foi a última ocasião em que o envolvimento dos EUA nas questões do Haiti gerou animosidade entre o público haitiano. O regime da dinastia Duvalier, primeiramente com François “Papa Doc” Duvalier e, em seguida, com Jean-Claude “Baby Doc” Duvalier, manteve um regime ditatorial no Haiti entre 1957 e 1986 pelo menos em parte graças à sua capacidade de manipular os medos dos EUA associados à Guerra Fria. A fim de manter o poder e precisando de capital estrangeiro para isso, François Duvalier facilitou o comércio entre os países americanos e da Europa Ocidental e o Haiti por meio de isenções fiscais, mão de obra barata e paz trabalhista em decorrência da forte supressão das organizações trabalhistas; em troca, esses países (principalmente os EUA) forneciam apoio econômico e militar.¹⁶ Embora o tratamento preferencial dos interesses comerciais estadunidenses no Haiti tenha ajudado Duvalier a obter o apoio dos EUA, o que realmente concretizou sua capacidade de obter e manter esse apoio foi sua postura anticomunista em uma região onde os EUA haviam acabado de sofrer alguns golpes fortes no contexto da Guerra Fria. Após a Revolução Cubana e a desastrosa invasão da Baía

dos Porcos, Duvalier conseguiu usar a proximidade entre o Haiti e Cuba para apresentar-se como um baluarte necessário contra a expansão do comunismo no Caribe.¹⁷ Apesar de isso ter servido aos interesses estadunidenses à época, o povo haitiano precisou aguentar o governo tirânico de Duvalier por décadas, sabendo exatamente qual nação havia permitido que ele ficasse no poder por tanto tempo.

Um exemplo mais recente de envolvimento dos EUA nas questões do Haiti que alimentou a narrativa anti-EUA entre os manifestantes haitianos foi a presidência polêmica de Jean-Bertrand Aristide. Eleito em uma onda populista nos anos seguintes ao período Duvalier, Aristide assumiu o poder em fevereiro de 1991 após uma campanha baseada na criação de emprego, melhores condições de trabalho, aumento do salário mínimo, reforma da educação e anticorrupção na administração pública, mas só ficou no poder por sete meses, sendo deposto pelas elites políticas e pelos militares haitianos ameaçados.¹⁸ Ele voltou ao poder com o apoio do governo Clinton, mas o Aristide que retornou a Ponto Príncipe era um líder diferente do que havia sido forçado a partir. Quando Aristide voltou em 1994 com 20 mil tropas estadunidenses para garantir o cumprimento de seu mandato de cinco anos, suas metas políticas estavam menos focadas em suas promessas eleitorais anteriores e mais na monopolização do poder para si mesmo e seu partido, o Fanmi Lavalas.¹⁹ Essa mudança e a consolidação de seu poder nos cinco anos seguintes voltaram os EUA e a comunidade internacional contra si. À medida que a corrupção, a criminalidade e o uso de gangues passaram a ser o *modus operandi* do partido Lavalas sob o comando de Aristide, os EUA, a França e o Canadá alinharam-se à oposição restante entre a burguesia haitiana para remover Aristide do poder em 2004.²⁰

Embora Aristide tivesse oponentes durante ambos os seus mandatos como presidente do Haiti, ele também tinha apoiadores fiéis. Como consequência das divisões acentuadas na sociedade haitiana durante o governo Aristide, a intervenção dos EUA foi sempre veementemente condenada por pelo menos um segmento da sociedade haitiana: um lado indignado com o retorno do presidente ao poder em 1994 com auxílio de tropas estadunidenses e outro lado indignado com sua remoção pelos EUA em 2004. Há outra controvérsia associada à remoção de Aristide em 2004 baseada em rumores de que os EUA haviam, na realidade, sequestrado e exilado Aristide à força a pedido das elites haitianas, que queriam tomar o poder político para si. A validade desses rumores é contestável, mas, no contexto de como o povo haitiano vê os EUA, o fato de serem verdadeiros ou não talvez não seja tão importante. O que importa é que uma quantidade suficiente de haitianos acredita na história, pois ela se encaixa em uma narrativa preexistente dos manifestantes de que o Haiti sempre sofreu devido à intervenção militar dos EUA. É claro que há várias questões internas do Haiti que podem ser atribuídas a crises do

passado e do presente, e cada um dos exemplos de intervenção dos EUA mencionados até aqui tem um grau de complexidade maior que o que pode ser devidamente descrito neste artigo. Porém, o resumo acima demonstra como a intervenção dos EUA é lembrada por muitos dos manifestantes haitianos que têm saído às ruas nos últimos meses. Com uma identidade nacional baseada na resistência à dominação estrangeira e uma memória histórica dos EUA interferindo com frequência nas questões do Haiti, a combinação das duas alimenta o sentimento anti-EUA crescente entre os manifestantes haitianos.

A relação mutável da Rússia com o Haiti

Embora se possa dizer que o quadriênio de 1911 a 1915 foi o mais politicamente conturbado da história do Haiti, o país também vivenciou um nível elevado de transtorno no período entre 2019 e 2023, abrindo caminho para outra intervenção militar dos EUA. Apesar de ter havido somente um assassinato presidencial, em contraste com as sete destituições sucessivas no começo do século 20, desastres naturais infelizmente se combinaram com a crise política para piorar a situação do povo haitiano. Várias das origens da crise atual apontam para a suspensão, em 2019, do programa PetroCaribe, iniciado em 2005 como forma de ampliar a influência da Venezuela sobre o Caribe. À época, a Venezuela, sob a liderança do presidente Hugo Chávez, emprestava petróleo aos países participantes a uma taxa de juros reduzida e com pagamento de 40% do petróleo adquirido diferido por até 25 anos, o que, por sua vez, permitia que essas nações vendessem o petróleo em outros mercados e dedicassem os lucros a programas sociais e de desenvolvimento.²¹ O programa foi lançado durante um período de pico global do petróleo, mas a queda do preço do petróleo nos anos seguintes resultou no colapso da economia venezuelana e na suspensão do programa. Isso foi particularmente problemático para o Haiti porque, após o fim do programa, ficou óbvio que a participação nesse programa por anos rendeu pouco ou nenhum resultado tangível em termos de desenvolvimento do país. Uma investigação conduzida de 2017 a 2019 por um comitê de cinco membros do senado haitiano descobriu que, apesar de ter recebido US\$ 4 bilhões entre 2008 e 2016 destinados a cerca de 400 programas de infraestrutura e saúde, o governo haitiano havia alterado as taxas de câmbio para deturpar o valor da verba disponível nos cofres públicos e concedido mais de metade dos contratos a empresas que não haviam passado pelo processo de licitação oficial.²²

Piores que isso eram as implicações de que o presidente haitiano, Jovenel Moïse, estaria envolvido no escândalo do PetroCaribe. A escassez de combustível e as consequências econômicas resultaram em protestos contra Moïse devido à sua suposta gestão indevida da verba do PetroCaribe, sendo agravadas por uma crise

constitucional associada à sua presidência. Embora a constituição haitiana afirme que os mandatos presidenciais duram cinco anos, o que, no caso de Jovenel Moïse, iria até fevereiro de 2021, Moïse recusou-se a deixar o cargo, com a justificativa de que um governo interino havia tomado o poder durante o primeiro ano de sua presidência.²³ Essa recusa de transferir o poder, as alegações de envolvimento no escândalo do PetroCaribe e a tendência crescente de governar por decreto só fortaleceram a oposição pública e política a Moïse. As tensões atingiram seu ponto culminante no meio da noite de 7 de julho de 2021, quando atiradores mascarados o assassinaram em casa. A já polêmica situação política do Haiti só piorou após o assassinato de Moïse, cujos decretos e decisões anteriores haviam eliminado um caminho de sucessão claro a ser seguido. Em circunstâncias normais, a lei haitiana estipula que o presidente do Supremo Tribunal deve suceder ao presidente ou, caso essa não seja uma opção, o primeiro-ministro pode ser nomeado pelo Parlamento haitiano.²⁴ No entanto, as circunstâncias não eram normais, pois o presidente do Supremo Tribunal havia morrido de COVID-19 uma semana antes, e Moïse havia conseguido dissolver a legislatura haitiana no ano anterior.²⁵

Desde então, o primeiro-ministro, Ariel Henry, tem servido como presidente, mas, sem meios oficiais de formalizar o cargo, tem dado continuidade à tendência de seu predecessor de governar por decreto. Até o momento, ainda não cumpriu sua promessa de realizar uma nova eleição presidencial, o que só aumentou sua desaprovação pública. Além disso, outro grande terremoto atingiu os arredores da capital em agosto de 2021, em escala comparável ao terremoto de 2010, que dizimou Porto Príncipe. Desde o assassinato de Moïse em julho e o terremoto em agosto de 2021, o crescimento exponencial e a quantidade de gangues atuando em Porto Príncipe e entorno deixaram a situação ainda mais caótica, considerando-se que as gangues talvez tenham mais autoridade na capital que o governo haitiano. Isso levou Henry a solicitar assistência externa nos últimos meses para restaurar a ordem no Haiti. Em outubro de 2022, Henry e 18 oficiais de alto escalão enviaram uma solicitação de assistência militar internacional para impedir as “ações criminosas das gangues armadas”, as quais o governo haitiano culpa pela paralisação dos suprimentos nacionais de água, alimentos e combustível.²⁶ Em resposta, as gangues têm bloqueado rodovias e terminais de combustível adjacentes, recusando-se a permitir a passagem de bens e combustível até que Henry deixe o cargo.²⁷ Isso colocou os EUA e a ONU na situação delicada de decidir se devem ou não responder, e, se sim, de que forma. Para os EUA, a perspectiva de apoiar mais uma vez um líder haitiano cada vez menos popular não parece muito interessante, mesmo em contraste com a perspectiva de permitir que a situação se deteriore ainda mais, não fazendo nada para impedir que o sofrimento do povo haitiano continue. A ONU também tem um histórico negativo no Haiti, principalmente

após o terremoto de 2010, quando sua missão de paz recebeu diversas acusações de violência sexual contra cidadãs haitianas por parte das tropas e por provocar a epidemia de cólera, que matou quase 10 mil pessoas.²⁸ Com base no histórico de intervenções passadas e recentes dos EUA e da ONU no Haiti, muitos haitianos estão no mínimo céticos em relação aos benefícios para o país de uma nova intervenção de qualquer um desses dois atores.

Embora tudo isso possa explicar o sentimento anti-EUA/ONU crescente entre as multidões de manifestantes haitianos, resta a dúvida: o que está impulsionando o aumento do sentimento pró-Rússia? Com base em várias posturas adotadas por Moscou diante do conflito atual no Haiti, fica evidente que os formuladores de políticas russos, cientes do histórico entre os EUA e o Haiti, aproveitam-se disso em benefício próprio. No último ano, em relação ao Haiti, a Rússia adotou uma postura de oposição repetida e manifesta às políticas dos EUA no país, apresentando-se como uma película de proteção contra a interferência estadunidense nas questões haitianas. Dessa forma, o argumento apresentado aqui é o de que o sentimento pró-Rússia crescente observado recentemente entre os haitianos não é uma mera reação anti-EUA, como sugerido pela matéria supramencionada. Trata-se de algo cultivado deliberadamente por Moscou.

Após uma análise de matérias publicadas em jornais e redes sociais, o interesse crescente da Rússia na crise política atual do Haiti pode ser observado pelo menos desde março de 2021. Com a intensificação dos protestos contra Moïse e a escassez de combustível no início de 2021, a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, tuitou na conta do Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa que o Haiti estava “vivendo um novo período de instabilidade política e a maior crise socioeconômica de sua história”, acrescentando a oferta de que “a Rússia está pronta para ajudar os haitianos a restaurarem a estabilidade política, manterem a segurança interna e treinarem suas forças”.²⁹ Essa oferta proposta por uma oficial do Ministério das Relações Exteriores da Rússia de um nível maior de assistência representa um interesse crescente nas questões do Haiti por parte do governo russo já existente antes do assassinato de Moïse. O interesse da Rússia no Haiti foi salientado novamente após o assassinato, quando a ministra Zakharova expressou os receios da Rússia em relação às circunstâncias do ocorrido. A condenação do assassinato pelo Ministério das Relações Exteriores da Rússia incluiu uma acusação: “Durante a investigação do crime, a polícia haitiana deteve mais de duas dúzias de suspeitos, a maioria dos quais eram cidadãos colombianos. Pelo menos dois dos agressores detêm cidadania estadunidense. Essa informação gera receios graves, pois revela que, novamente, forças externas estão tentando usar um conflito puramente interno em interesse próprio”.³⁰

A insinuação por parte de uma oficial russa de que os EUA tiveram pelo menos um grau de envolvimento no assassinato foi bem redigida, pois incita as suspeitas de vários haitianos de que houve interferência dos EUA, com base em sua narrativa histórica, sem acusar os EUA diretamente. Além de ser uma boa tática diplomática, também é um uso inteligente da história entre os EUA e o Haiti para semear tensões entre os dois países. Embora seja difícil medir com exatidão o nível de familiaridade de Zakharova com o histórico específico das relações EUA-Haiti, as credenciais da ministra, que incluem um diploma de Candidata de Ciências Históricas (equivalente a um doutorado na Rússia), revelam que ela certamente está qualificada para analisar e utilizar esse histórico a favor de Moscou.³¹ Como os manifestantes haitianos sempre apontaram para o histórico de envolvimento dos EUA no Haiti em sua retórica durante a crise atual, a Rússia indubitavelmente percebeu isso ao estabelecer seus próprios laços com o Haiti. O declínio das relações entre vários cidadãos do Haiti e os EUA/ONU trouxe uma oportunidade para a Rússia de reforçar sua posição de grande potência aliada alternativa, e parece que estão aproveitando essa oportunidade.

Outra evolução que vale apontar é que não foi só a Rússia que estendeu a mão. Em junho de 2022, dezenas de organizações de base haitianas assinaram cartas abertas à Rússia e à China, solicitando que representantes de ambos os países votassem contra a renovação do mandato da ONU no Haiti.³² Como membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, ambos os países têm autoridade para opor-se à continuação da presença das forças de segurança da ONU no Haiti. Apesar de não terem bloqueado a renovação anual desta vez, conforme solicitado por esses grupos haitianos, o representante da Rússia na ONU, Dmitry Polyanskiy, declarou que “os atores internacionais precisam respeitar a soberania do Haiti como linha de base para ajudar o Haiti a sair da crise atual”, e a China protelou o voto por dois dias para conduzir negociações a portas fechadas referentes à ineficácia do mandato até o presente.³³ O representante Polyanskiy utilizou uma linguagem semelhante à da ministra Zakharova nos últimos meses sobre forças externas desempenharem um papel na crise contínua do Haiti. Na reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o Haiti realizada em 26 de setembro de 2022, o representante Polyanskiy declarou: “É particularmente decepcionante o fato de que agentes externos com influência real sobre Porto Príncipe não adotaram nenhuma medida prática para resolver a crise no Haiti, mantendo-se distantes da situação atual. Todos sabemos da história complexa do Haiti e entendemos a quem ela está relacionada”.³⁴ Novamente, sem fazer menção direta aos EUA ou à ONU, essa declaração por parte do governo russo muito astutamente atribui a culpa a um, ao outro ou a ambos os agentes por sua inação presente em relação à crise no Haiti, além de sugerir que suas ações

históricas levaram à crise atual. Considerando-se o momento no qual essa declaração foi feita à ONU no último mês de setembro, o aparecimento de bandeiras russas nas novas fotografias dos protestos no Haiti a partir de outubro de 2022 pode indicar a culminação da tentativa bem-sucedida da Rússia de cultivar laços mais fortes com o Haiti em detrimento dos EUA e da ONU.

Conclusões

O último indício de que a Rússia está utilizando a história para fortalecer sua posição no Haiti contra os EUA é o fato de já ter adotado e continuar adotando uma abordagem semelhante na África. Um dos exemplos mais claros disso é a relação da Rússia com a África do Sul, que mantém viva a memória da posição da União Soviética contra o apartheid. A Ministra do Desenvolvimento Social da África do Sul, Lindiwe Zulu, que estudou em Moscou durante a época do apartheid, declarou em uma entrevista recente: “A Rússia é nossa amiga em todos os aspectos”.³⁵ Essa declaração em defesa da Rússia foi feita logo após o início da invasão da Ucrânia pela Rússia, em fevereiro de 2022, e a África do Sul está longe de ser a única nação que apoia a Rússia. Como vários países africanos têm uma afinidade de longa data com a Rússia que remonta à Guerra Fria, alguns líderes políticos e militares atuais estudaram na Rússia, e, tendo aumentado os vínculos comerciais principalmente para armas russas, a África do Sul é apenas um dos 24 países africanos que se recusaram a participar da votação da ONU para condenar a invasão da Ucrânia.³⁶ Tendo usado sua relação histórica com as nações africanas com sucesso para reforçar esses laços, aproveitando-se dos aspectos negativos da história do Ocidente com esses países, a Rússia parece estar começando a aplicar o mesmo método à crise atual no Haiti.

Isso nos leva à pergunta final do que isso significa para os EUA. Resumindo, um realinhamento do Haiti com a Rússia ou com a China resultaria em uma perda tangível da influência na região do Caribe. Considerando-se que a Rússia busca restabelecer sua esfera de influência nos antigos territórios soviéticos e desafiar a ordem internacional estabelecida após a Segunda Guerra Mundial, a crise no Haiti abre caminho para a Rússia exercer uma influência maior, possivelmente aumentando sua presença militar no hemisfério ocidental, se as demandas dos manifestantes haitianos continuarem a crescer e forem levadas mais a sério por ambos os lados. Com base nos motivos já mencionados, uma intervenção militar dos EUA, mesmo que a pedido do governo haitiano, não é uma perspectiva interessante, pois pode trazer mais danos que soluções a uma relação historicamente tensa. Porém, não fazer nada e continuar permitindo que a crise no Haiti fuja do controle também não é uma opção interessante. Se for permitido que aumente, o caos existente pode transformar o Haiti em um ponto central na região que facilitaria a dissemi-

nação de bens ilícitos, como drogas, armas ou tráfico de pessoas. Quanto mais a crise durar, maior será a possibilidade de os pedidos de intervenção por parte da Rússia ou da China serem levados a sério em algum momento. Tudo isso além da crise humanitária atroz, que pode atingir uma escala descomunal. Enquanto os EUA e a ONU ponderam sobre como responder a uma solicitação de assistência militar, pode ser que haja na nossa história de assistência humanitária ao Haiti uma fonte de exemplos positivos que inspirem as ações futuras.

Tanto a Operação Resposta Unificada, após o terremoto de 2010, quanto as ações de socorro da Força-tarefa Conjunta no Haiti, após o terremoto de 2021, são exemplos de intervenções militares dos EUA no Haiti que obtiveram êxito e foram bem recebidas pelo público haitiano em geral. Os EUA podem aproveitar-se disso para restaurar sua relação com o Haiti. Além disso, o histórico de intervenções militares dos EUA, seja a ocupação militar de 1915-1934 ou a grande resposta humanitária de governo integral de 2010, precisa ser analisado, avaliado e considerado em qualquer decisão a ser tomada no futuro. A história é importante, seja a do Haiti ou a da relação EUA-Haiti, não devendo ser ignorada nem esquecida pelos EUA. Do contrário, qualquer decisão tomada pelos EUA ou pela ONU sobre a crise atual corre o risco de repetir o mesmo erro de não levar em consideração a memória histórica e a identidade nacional haitianas. Pior ainda: Moscou claramente está levando esses fatores em consideração, mesmo que nós não estejamos. □

Notas

1. Boaz Anglade, “Perspective: Why Are Haitian Protestors Waving Russian Flags?” (Perspectiva: por que os manifestantes haitianos estão portando bandeiras russas?). *AyiboPOST*, (18 de outubro de 2022), <https://ayibopost.com/perspective-why-are-haitian-protestors-waving-russian-flags/>.

2. Anglade, “Perspective.”

3. Anglade, “Perspective.”

4. Anglade, “Perspective.”

5. Anglade, “Perspective.”

6. D’Maris Coffman, Adrian Leonard e William O’Reilly, *The Atlantic World* (O mundo atlântico), (Nova York: Penguin Group, 2012).

7. Office of the Historian, “The U.S. Invasion and Occupation of Haiti, 1915-1934” (A invasão e ocupação do Haiti pelos EUA, 1915-1934), Departamento de Estado dos EUA, <https://history.state.gov/milestones/1914-1920/haiti>.

8. John G. Ikenberry, *A World Safe for Democracy: Liberal Internationalism and the Crises of Global Order* (Um mundo seguro para a democracia: internacionalismo liberal e as crises da ordem mundial), New Haven: Yale University Press, 2020, 100-101.

9. Christopher W. Davis, “Cross Purposes: U.S. Missionaries and the U.S. Occupation of Haiti” (Finalidades cruzadas: missionários estadunidenses e a ocupação do Haiti pelos EUA).

Dissertação de doutorado, Universidade da Carolina do Norte em Greensboro, (2019), 140, <https://core.ac.uk/download/pdf/345091972.pdf>.

10. Roger Gaillard, *Les cent-jours de Rosalvo Bobo ou, Une mise à mort politique* (Os cem dias de Rosalvo Bobo ou um assassinato político), 2a ed., (Porto Príncipe: *Presses nationales*, 1973).

11. Christopher W. Davis, “History as an Enemy and an Instructor, Lessons Learned from Haiti, 1915–34” (A história como inimiga e instrutora, lições aprendidas com o Haiti, 1915–34). *Journal of Advanced Military Studies*, vol. 11, n.º 1, (2020), 38,6 https://www.usmcu.edu/Portals/218/JAMS_11_1_History%20as%20an%20Enemy%20and%20an%20Instructor_Christopher%20Davis_1.pdf.

12. Christopher W. Davis, “Cross Purposes: U.S. Missionaries and the U.S. Occupation of Haiti” (Finalidades cruzadas: missionários estadunidenses e a ocupação do Haiti pelos EUA), 144.

13. Davis, “Cross Purposes,” 144.

14. Davis, “Cross Purposes,” 144.

15. Ibid, 39.

16. Alex Dupuy, “From Duvalier to Jean-Bertrand Aristide: The Declining Significance of Color Politics in Haiti” (De Duvalier a Jean-Bertrand Aristide: o declínio da importância da política de cor no Haiti), *Politics and Power in Haiti*, Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, 54–55.

17. Dupuy, “From Duvalier,” 55.

18. Dupuy, “From Duvalier,” 59.

19. Dupuy, “From Duvalier.”

20. Dupuy, “From Duvalier,” 60–61.

21. Ciara Nugent, “Why a Venezuelan Oil Program Is Fueling Massive Street Protests in Haiti” (Por que um programa de petróleo venezuelano está impulsionando grandes manifestações públicas no Haiti), AVA 360, (24 de junho de 2019), <https://www.ava360.com/why-a-venezuelan-oil-program-is-fueling-massive-street-protests-in-haiti/>.

22. Nugent, “Why a Venezuelan.”

23. Harold Isaac, Andre Paultre e Maria Abi-Habib, “Haiti Braces for Unrest as Defiant President Refuses to Step Down” (O Haiti prepara-se para instabilidade com presidente desafiador que se recusa a deixar o cargo), *New York Times*, (7 de fevereiro de 2021), <https://nytimes.com/2021/02/07/world/americas/haiti-protests-President-Jovenel-Mois.html>.

24. Paul J. Angelo, “The Assassination of Haitian President Jovenel Moise: What to Know” (O assassinato do presidente haitiano Jovenel Moise: o que você precisa saber), *Council on Foreign Relations*, (14 de julho de 2021), 8, <https://www.cfr.org/in-brief/assassination-haitian-president-jovenel-moise-what-know>.

25. Angelo, “The Assassination.”

26. Dánica Coto, “Haiti’s Leader Request Foreign Armed Forces to Quell Chaos” (Líder do Haiti solicita forças armadas estrangeiras para apaziguar o caos). *Associated Press*, (7 de outubro de 2022), <https://apnews.com/article/caribbean-united-nations-port-au-prince-haiti-antony-blinken-057bf6462ca2b00fe667e93b5289d319>.

27. Coto, “Haiti’s Leader Request.”

28. Coto, “Haiti’s Leader Request.”

29. Maria Zakharova (@mfa_russia), “O #Haiti está vivendo um novo período de instabilidade política e a maior crise socioeconômica de sua história. A #Rússia está pronta para ajudar os haitianos a restaurarem a estabilidade política, manterem a segurança interna e treinar suas forças”,

Twitter, (12 de março de 2021, às 4h39), https://twitter.com/mfa_russia/status/1370308382922571777?lang=en.

30. Elena Teslova, “Russia Slams Haitian President’s Murder” (Rússia critica assassinato do presidente do Haiti), *Andalou Agency*, (9 de julho de 2021), <https://www.aa.com.tr/en/world/russia-slams-haitian-presidents-murder/2299577>.

31. Roscongress Foundation, “Maria Zakharova”, Roscongress Foundation, acessado em 22 de dezembro de 2022, <https://roscongress.org/en/speakers/zakharova-mariya-20639/biography/>.

32. Julie Varughese, “Haitians Looked to China & Russia to End UN Mandate, Renewed for 1 More Year” (Os haitianos buscaram a China e a Rússia para terminar o mandato da ONU, renovado por mais um ano), *Toward Freedom*, (18 de julho de 2022), <https://towardfreedom.org/story/archives/americas/haitians-looked-to-china-russia-to-end-un-mandate-renewed-for-1-more-year/>.

33. Varughese, “Haitians Looked.”

34. Dmitry Polyanskiy, “Statement by First Deputy Permanent Representative Dmitry Polyanskiy at UNSC Briefing on Haiti” (Declaração de Dmitry Polyanskiy, primeiro vice-representante permanente, na reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o Haiti), Missão permanente da Federação Russa nas Nações Unidas, (26 de setembro de 2022), <https://www.youtube.com/watch?v=QG7VAhwwNwo>.

35. Declan Walsh e John Eligon, “Shunned by Others, Russia Finds Friends in Africa” (Excluída pelos outros, a Rússia encontra amigos na África), *The New York Times*, (3 de março de 2022), <https://www.nytimes.com/2022/03/03/world/africa/russia-ukraine-eritrea-africa.html>.

36. Walsh and Eligon, “Shunned by Others.”



Christopher Davis, Ph.D.

Christopher Davis é doutor em história dos Estados Unidos pela Universidade da Carolina do Norte em Greensboro. Sua pesquisa foca-se na história da Primeira Guerra Mundial e das Guerras das Bananas, bem como em sua importância histórica no contexto dos conflitos modernos. Como palestrante da Universidade da Carolina do Norte em Greensboro, já ministrou cursos sobre a Primeira Guerra Mundial, o mundo no século 20 e a história europeia moderna. Também já publicou vários capítulos de livros e artigos, como “History as an Enemy and an Instructor: Lessons Learned from Haiti, 1915-1934” (“A história como inimiga e instrutora: lições aprendidas com o Haiti, 1915-1934”), *Journal of Advanced Military Studies*, 2020, e “The AEF and Consolidation of Gains during the Meuse-Argonne Offensive, 1918” (“A Força Expedicionária Americana e a consolidação de ganhos durante a Ofensiva Meuse-Argonne”), *Enduring Success: Consolidation of Gains in LSC*, 2022.